ARTIGO - 4. AS PERSPECTIVAS DA CONSERVAÇÃO DESDE O SUL GLOBAL: PATRIMÔNIO PARA TODOS: DEMOCRACIA E JUSTIÇA SOCIAL / REFLEXÕES SOBRE PATRIMÔNIO: NARRATIVAS PLURAIS E MEMÓRIAS SILENCIADAS / NOVAS PERSPECTIVAS E ABORDAGENS NA GESTÃO, VALORIZAÇÃO E CONSERVAÇÃO DO PATRIMÔNIO.

RESTAURAÇÃO CRÍTICA E PATRIMÔNIO NO SUL GLOBAL: A MATERIALIDADE TEATRO DA PAZ EM BELÉM DO PARÁ, SOB AS PERSPECTIVAS DAS CARTAS PATRIMONIAIS E DA TEORIA DE CESARE BRANDI.

Cássia Regina Dos Santos Baía (cassiabaia@usp.br)

Paulo Yassuhide Fujioka (pfujioka@sc.usp.br)

O debate sobre o patrimônio no Sul Global evidencia que modelos universais nem sempre dialogam com realidades periféricas. Na Amazônia, território marcado por tensões entre memória, poder e identidade, questões como essas emergem com força no patrimônio. O Teatro da Paz, um símbolo cultural paraense, inaugurado em 1878, durante o Ciclo da Borracha, marco da Belle Époque amazônica, foi palco de disputas simbólicas e apropriações populares. Este trabalho analisa criticamente a restauração do Teatro da Paz (2000–2002) à luz das Cartas de Atenas e Veneza e da Teoria da Restauração de Cesare Brandi. Busca-se refletir como diretrizes eurocêntricas foram aplicadas em território amazônico, revelando seus alcances e limitações. A aplicação acrítica desses referenciais em contextos periféricos reforça narrativas dominantes e marginaliza vozes locais. O caso do Teatro da Paz evidencia tal dilema: embora tecnicamente bem executada, recuperando pinturas e funções, a restauração

consolidou uma imagem idealizada da Belle Époque, silenciando memórias sociais e usos populares. Conforme Souza (2010), a intervenção reforçou a centralidade da elite amazônica e relegou a segundo plano narrativas plurais, revelando os limites de critérios estéticos europeus quando aplicados em territórios marcados pela colonialidade. Pensar o patrimônio amazônico a partir do Sul Global implica compreendê-lo como campo de disputas simbólicas e de objeto material. A restauração crítica demanda considerar vínculos afetivos, camadas históricas e diversidade cultural. As categorias brandianas podem servir como ferramentas, mas necessitam de uma epistemologia situada que incorpore saberes invisibilizados. Assim, práticas patrimoniais devem responder a questões como: “a quem servimos ao eleger o que preservar?”. As escolhas restaurativas revelam como centralidades estéticas e institucionais podem sobrepor-se às expressões locais, reiterando processos de apagamento simbólico. É necessário reinterpretar diretrizes internacionais à luz da realidade amazônica, em diálogo com comunidades e memórias silenciadas. Defende-se, assim, uma restauração crítica, participativa e contextualizada, que valorize a diversidade cultural. No caso amazônico, isso significa pensar o patrimônio como resistência, memória viva e afirmação identitária.

Referências

BRANDI, Cesare. Teoria da restauração. Cotia: Ateliê Editorial, 2004.

FERNANDES, Paulo Chaves; LIMA, Rosário. Theatro da Paz. Série Restauro. v. 5. Belém: SECULT/PA, 2013.

IPHAN – Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. Cartas patrimoniais. Rio de Janeiro: IPHAN, 1999.

KÜHL, Beatriz Mugayar. Notas sobre a Carta de Veneza. Anais do Museu Paulista: História e Cultura Material, São Paulo, v. 18, n. 2, p. 11–40, jul./dez. 2010.

SOUZA, Roseane Silveira de. Teatro da Paz: histórias invisíveis em Belém do Grão-Pará. Anais do Museu Paulista: História e Cultura Material, São Paulo, Nova Série, v. 18, n. 2, p. 93–121, jul.–dez. 2010.

Palavras-chave: patrimônio edificado; amazônia; restauração; narrativas plurais; cartas patrimoniais.